

A MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM COMO CARACTERÍSTICA DO PLANEJAMENTO DE ENSINO

Jessyluce Cardoso Reis¹

RESUMO

O presente artigo versa sobre a importância da mediação da aprendizagem, a partir dos procedimentos metodológicos presentes no planejamento de ensino, face às necessidades da utilização de uma prática pedagógica, que corrobore avanços significativos nos aspectos relacionados ao conhecimento. A proposta de se trabalhar a mediação da aprendizagem, a partir do planejamento de ensino, tem como aparato teórico a Experiência da Aprendizagem Mediada do psicopedagogo Reuven Feuerstein, que preconiza uma concepção de educação onde a ação mediadora do professor deva ser previamente elaborada com base em critérios mediacionais, com vistas à superação dos mediados frente aos desafios, sendo, portanto, o objetivo deste trabalho: analisar como se dá a ressignificação da aprendizagem numa aula mediada; avaliar a ressonância da prática pedagógica trabalhada a partir do planejamento de ensino, que tenha como característica a mediação da aprendizagem.

Palavras-chave: mediação, planejamento de ensino, aprendizagem.

ABSTRACT

The present article turns on the importance of the mediation of the learning, from the metodologics procedures gifts in the planning of education, face to the needs of the practical use of one pedagogical one, that corroborates significant advances in the aspects related to the knowledge. The proposal of if working the mediation of the learning from the planning of education, have as theoretical apparatus the Experience of the Learning Mediated of the psicopedagogo Reuven Feurestein where it praises a conception of education where the mediating action of the professor must previously be elaborated on the basis of mediacionais criteria with sights the mediated overcoming of the front to the challenges.

Key Words: mediation, planning of education, learning.

INTRODUÇÃO

Estudos acerca das questões relacionadas à função do planejamento no contexto pedagógico, ainda suscitam discussões no espaço educativo, dada a concepção conservadora de alguns educadores em relação ao ato de planejar. Em muitos casos, a resistência em repensar o planejamento parte de questões relacionadas

¹Jessyluce Cardoso Reis é especialista em Docência Superior, professora da FASB e coordenadora do curso de Pedagogia e Normal Superior da FASB

à finalidade a que este foi submetido durante muito tempo: o de documento meramente burocrático, desvinculado da intervenção pedagógica.

Essa questão mantém-se desafiando a perspectiva de uma educação que promova a mudança no espaço pedagógico. É comum encontrarmos educadores que ainda trabalham o planejamento de ensino desarticulado da realidade, onde a mediação da aprendizagem não representa nenhuma relevância do ponto de vista metodológico.

Como consequência desse pensamento, o ato de planejar o ensino tornou-se sinônimo de desconforto e inquietude para os professores que não o concebem como fator relevante para a práxis pedagógica; sendo o referido processo visto apenas como um recorte da ação docente que pouco tem a contribuir para a educabilidade cognitiva do sujeito do conhecimento.

Considerando a complexidade dinâmica do aprendizado em qualquer nível em que o ser humano se encontre, é que propõe-se estreitar a relação entre o conhecimento e o aprendiz, a partir de critérios de mediação elencados no planejamento de ensino, os quais serão trabalhados de acordo com a especificidade de cada situação de aprendizagem, em que a mediação funcionará como um mecanismo de intervenção pedagógica através da ação mediadora do professor.

Nesse contexto, inserem-se as crenças do professor, no sentido de considerar o planejamento de ensino como sendo a base de veiculação da ação docente, onde a qualidade e a intensidade da interação mediada serão previamente estabelecidas, de acordo com o nível de complexidade dos conteúdos a serem trabalhados. Afinal, o papel do professor /mediador, transcende a simples função de alguém que ensina. Como salienta Feuerstein (1994, p. 6) “é a figura do mediador que intervirá, que induzirá à análise, à dedução e à percepção. Ele transmitirá as motivações e estratégias. Ajudará a interpretar a vida”.

Aqui a aprendizagem é compreendida como um processo de auto- plasticidade, onde o professor/mediador tem muito a contribuir a partir de ações antecedidas no planejamento de ensino.

Ao compreender o ser humano como um organismo biológico e sociocultural que necessita interagir com o ambiente para estabelecer novas teias de conhecimento e, conseqüentemente, a modificabilidade, o mediador da aprendizagem perceberá a necessidade de planejar categoricamente a ação docente, considerando que a intervenção educacional pode transformar significativamente as limitações causadas pela falta de mediação. Nessa perspectiva, é necessário compreender que o planejamento servirá de plataforma científica que sustentará a crença do professor, uma vez que este sistema de crenças é fator determinante no ato de educar. Assim sendo, ao planejar o ensino, o docente estabelecerá critérios de mediação para as possíveis ações frente aos desafios pertinentes à prática pedagógica.

A forma como o aprendiz é conduzido frente ao conhecimento e como está exposto aos estímulos é, sem dúvida, fator decisivo no processo de aprendizagem, ocasionando diferenças acentuadas no nível de cognição de uma pessoa para outra, o que desencadeará os

problemas de aprendizagem, os quais nem sempre a escola encontra resposta. Sobre essas diferenças, argumenta Feurestein (1990):

Há grande diferença entre as pessoas, assim no grau ao qual elas se tornam transformadas e modificadas, por meio da assimilação de novos estímulos. E, ainda mais, há massas de indivíduos que são totalmente não-afetados pela exposição ao estímulo, isto é, são indivíduos não-modificados em suas respostas em seus comportamentos.

As respostas para superação de tais diferenças podem partir de uma concepção docente, onde os mecanismos pedagógicos sejam previamente planejados e executados de forma sistêmica, considerando como eixo norteador do processo as trocas entre o educando e o educador, geridas na mediação da aprendizagem.

Nesse conjunto, o planejamento ocupa um lugar ímpar na organização da prática docente, que consiste em prever, orientar e incentivar a aprendizagem dos alunos, sendo, portanto, parte integrante da dinâmica pedagógica que precisa ser revitalizada, por compreender também a planificação da ação humana, sem a qual o conhecimento não acontece. Assim sendo, assegurar a racionalização e coordenação do trabalho pedagógico, a partir da previsão das ações docentes com base em critérios de mediação previamente analisados, evitará a rotina e a improvisação, além de garantir a qualidade e coerência do trabalho docente. Como explica Lucena e Sales (2000):

Como em qualquer outra instância da vida, o trabalho docente precisa ser planejado com clareza, como se fosse um mapa que tem a função de direcionar, orientar as atividades do professor. Compreendendo dessa maneira, o professor nunca precisará de carbono para o planejamento, porque ele é seu e não do seu diretor, nem supervisor. É um instrumento de competência do seu trabalho, um requisito de organização.

Em suma, o presente artigo trata de um trabalho que vem sendo realizado na disciplina de Didática II com os alunos-estagiários das séries iniciais do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia, da Faculdade do Sul da Bahia - FASB/ Instituto Superior de Educação do Sul da Bahia - ISESB e objetiva apresentar novas perspectivas para o processo ensino-aprendizagem a partir do planejamento de ensino com base nos estudos sobre a Experiência da Aprendizagem Mediada, feitos pelo psicopedagogo Reuven Feuerstein, que considera a mediação como fator indispensável em qualquer situação de aprendizagem.

O PROCESSO DE MEDIAÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

As contribuições dos estudos realizados sobre a importância da mediação, ao longo da história da humanidade, é um fator a ser considerado no processo ensino-aprendizagem, por caracterizar a mediação entre as comunidades, como sendo a principal causa da evolução. Foi da capacidade de se comunicar e manifestar sentimentos, que os seres humanos passaram a explorar seu poder criativo, sua

capacidade de pensar e transformar o mundo, imprimindo significados através das suas descobertas .

Dotados desse poder de transformar e criar através das trocas estabelecidas no contexto sociocultural, o homem provocou mudanças profundas e decisivas para a sociedade. A exemplo dos grandes marcos históricos, temos a revolução neolítica, provocada pela capacidade da produção coletiva, e agora nos defrontamos com a revolução do conhecimento, sendo esta última dotada de necessidades emergentes para o funcionamento da sociedade contemporânea – a necessidade de mediar e promover o conhecimento.

Ao analisarmos diversos contextos históricos, fica claro que a mediação não depende só da linguagem na qual a interação ocorre . O fato da pessoa agir só verbalmente não garante a mediação e, conseqüentemente, a aprendizagem. Vemos aí a necessidade que o ser humano teve e tem de criar estratégias de mediação que garantam o aprendizado , independente dos grupos étnicos, entidades culturais ou camadas socioeconômicas.

Em Tebar (1994), vemos um exemplo clássico do processo de mediação da nossa cultura :

O indígena que constrói uma canoa a partir de uma árvore caída pode não dizer nada a seus filhos, mas convidá-los para observar suas atividades. Sua intenção de passar aos filhos os objetivos de sua atividade aumentará o pensamento de representação deles e as observações das atividades que conduzem a esse objetivo os tornará capazes de dissociar os objetivos dos meios necessários para alcançá-los. As intenções do pai em mediar estão claras nas maneiras com as quais ele adapta suas atividades para torná-las visíveis, compreendidas e finalmente imitadas pelos seus filhos.

Vê-se que a aprendizagem mediada por outro ser humano é indispensável na criação de pré-requisitos cognitivos, na medida em que o mediador humano assinala as possibilidades globais que se encontram na solução das situações que desafiam o homem ao longo do seu processo de sujeito aprendiz. Constituindo assim, a natureza do conhecimento, vivenciada pelas sociedades através das trocas estabelecidas, ou seja, mediadas. Como afirma Fonseca (2000) :

A aprendizagem assim é compreendida como uma mudança de comportamento provocada pela experiência de outro ser humano e não meramente pela experiência própria e prática em si , ou pela repetição ou associação automática de estímulos e respostas.[...] Neste contexto, a aprendizagem humana não se explica ou esgota apenas pela integridade biológica dos genes e dos cromossomos , nem se limita a uma exposição direta a objetos, acontecimentos, atitudes e situações, mas emerge de uma relação indivíduo-meio que é mediatizada por outro indivíduo mais experiente , cujas práticas e crenças culturais são transmitidas às gerações futuras, promovendo zonas mais amplas de desenvolvimento cognitivo crítico e criativo.

Noutras palavras, o desenvolvimento cognitivo do ser humano pauta-se no desenvolvimento cognitivo dos seus mediadores, sendo a aprendizagem, portanto, resultado do nível de interações socioculturais que o homem estabelece ao longo da sua vida, do contrário, ocorre a privação cultural que reflete nas disfunções cognitivas , ou seja, funções cognitivas pouco desenvolvidas, como pudemos observar em

alguns exemplos de privação cultural ocorridos ao longo da história da sociedade humana, como o caso das “duas meninas Amala e Kamala que foram descobertas em 1921, numa caverna da Índia, vivendo entre lobos. Ambas apresentavam hábitos alimentares diferentes dos nossos. Locomoviam-se apoiando nas mãos e nos pés, adotando a marcha quadrúpede. O presente caso nos mostra que o indivíduo isolado do processo de mediação humana, dificilmente vencerá os problemas decorrentes do meio no qual está inserido.

Partindo deste princípio, observa-se que a aprendizagem não se restringe apenas ao processo individual, mas sociocultural que se situa no cerne das relações culturais, contribuindo para o desenvolvimento humano nas esferas psicológica, filosófica e antropológica. A história nos mostra que a mediação foi e continua sendo fator decisivo para o desenvolvimento humano, o conhecimento compartilhado de geração em geração, a exemplo das grandes descobertas, que serviram como base para novas descobertas.

Diante de tais reflexões, urge fazer uma releitura da importância da mediação no processo ensino-aprendizagem, como pressuposto do nível significativo do conhecimento, a partir das condições e intenções metodológicas pautadas no planejamento de ensino.

RETOMADA HISTÓRICA DO PLANEJAMENTO DE ENSINO

O planejamento de ensino, por muito tempo, foi concebido como um documento para atender apenas às exigências burocráticas das instituições educacionais, portanto, descontextualizado da realidade social. Sendo valorizado ao longo da história apenas pela concepção técnica, onde o professor copia anualmente dos livros didáticos ou dos planos dos anos anteriores objetivos, conteúdos, recursos, estratégias e avaliação, repetindo a mesma receita para diferentes clientelas, com efeito, esse padrão de planejamento não estabelece um vínculo estreito com o aprendiz.

Uma característica comum neste tipo de planejamento são as estratégias de ensino desvinculadas do propósito da ação reflexiva do aluno, ao contrário, embasado em procedimentos conteudistas, onde o professor é o provedor do conhecimento e o aluno um mero receptor de conhecimentos estereótipos, desprovido de significados sociais ou mesmos emocionais, reduzido a um modelo mimético de educação.

Mesmo sendo um aspecto relevante à vida humana em suas diversas dimensões, o ato de prever as ações pedagógicas, através do planejamento do ensino, até então não tinha sido incorporado como parte integrante do fazer pedagógico, caracterizando-se inclusive como um processo de desconforto no cotidiano docente, como afirma Theodoro (1993) citado por Lucena e Sales (2002) no texto *Carbono para Planejamento*, sobre o diálogo de uma professora iniciante na profissão com uma amiga:

É sobre o maldito planejamento de ensino. Eu não sei por onde começar [...].
- Lá na escola quem faz o plano é a Dona Chiquinha. Ela datilografa as cópias com carbono para facilitar. Imagine se eu vou perder tempo com isso. O diretor nem verifica: ele pega, dá uma olhada por cima e tranca na gaveta.

Por não atender às necessidades emergentes da educação contemporânea, esse modelo de planejamento vem sendo superado gradativamente pela perspectiva crítica do fazer pedagógico, que prioriza o aprendizado a partir das interações entre o sujeito que ensina e o sujeito que aprende, revelando-se como um processo dinâmico. Nessa concepção, o planejamento de ensino tem o papel fundamental de estabelecer a relação dialética entre o conhecimento e o contexto social, manifestando a ação transformadora a partir da mediação da aprendizagem, por compreender que a falta de mediação significativa e diversificada no processo de aprendizagem, mais especificamente no período da infância, provoca ressonâncias na vida adulta, como podemos constatar no exemplo:

Todas as interações de aprendizagem se pode dividir em dois grupos: aprendizagem direta e aprendizagem mediada. A aprendizagem mediada por outro ser humano é indispensável para a criança dado que a ajuda a criar aqueles pré-requisitos cognitivos que logo fazem que a aprendizagem direta seja efetiva (FEUERSTEIN, 1990).

Visando à superação dos obstáculos da existência humana, através da ação educativa consciente, é que se faz necessário repensar o planejamento a partir da ação mediada, onde a dialogicidade ganha relevância na revitalização da relação docente-discente.

Vivemos hoje a era do conhecimento, portanto os rumos que envolvem o processo pedagógico mais precisamente o planejamento do ensino, deve primar pela articulação das diretrizes do trabalho docente às necessidades sociais e culturais emergentes, tendo como referencial a autonomia intelectual e emocional elucidada a partir da capacidade de abstração do sujeito.

Mais do que um roteiro organizado das atividades didáticas, o planejamento de ensino, neste novo momento da educação, assume um papel genuinamente político e social no sentido de favorecer a ação-reflexão-ação da prática pedagógica, a ser manifestada pela ação mediadora do professor. Neste contexto, a aprendizagem mediada apresenta relevantes contribuições ao desenvolvimento sociocultural do homem, por compreender que o desenvolvimento cognitivo do mediador/professor é indissociável do desenvolvimento cognitivo do mediado/aluno. Como afirma Fonseca (2000):

O desenvolvimento cognitivo de uma criança é inseparável do desenvolvimento cognitivo dos seus mediatizadores, sejam eles pais, médicos ou professores. A aprendizagem ocorre, conseqüentemente, num contexto social, na base de multimediasões humanas.

Inseridos num contexto social onde a instrumentalização da ação deve ser previamente analisada, com vistas à superação dos desafios decorrentes, quer seja do índice de problemas relacionados à deficiência de aprendizagem ou mesmo dos casos da inclusão escolar, o planejamento escolar tem, assim, nesta nova concepção de ensino, apresentado como guia de diretrizes que asseguraram o trabalho docente com base em princípios pré-estabelecidos, porém flexíveis, a serem desenvolvidos de acordo com o ritmo da mediação estabelecida

entre professores e educandos. De acordo com essa visão pedagógica, o planejamento assume uma concepção política pautada na valorização do conhecimento que o aluno traz consigo e na capacidade que o professor deve ter de planificar suas ações para mediar esse e outros conhecimentos.

A MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM COMO UM PROCEDIMENTO METODOLÓGICO A SER CONSIDERADO NO PLANEJAMENTO DE ENSINO

Partindo deste resgate histórico do planejamento de ensino, temos necessidades emergentes a serem vencidas e convencidas pelo processo ensino-aprendizagem. Para tanto, é necessário que o planejamento de ensino assuma um caráter de pesquisa e reflexão das ações docentes, sendo característica fundamental à *mediação*, a ser desdobrada, através dos procedimentos metodológicos, como resposta aos objetivos a serem alcançados pelo professor.

Vemos a *mediação* como elemento norteador da relação professor-aluno, por ser a sala de aula um espaço de promoção do conhecimento formal, e, sendo o ato de planejar a prévia da ação docente, faz-se necessário fazermos uma retrospectiva da sua ressonância na prática pedagógica nessa perspectiva histórica.

Considerando que o desenvolvimento cognitivo do ser humano não é só resultado do processo de amadurecimento do organismo biológico, mas das interações que os mesmos estabelecem ao longo da sua vida, ao assumir o papel de mediador o professor utiliza-se de procedimentos metodológicos que possibilitem o mesmo a se interpor entre o aluno e o conhecimento. Dessa maneira, a modalidade de interação entre professor e aluno assume aspectos que vão desde a mediação gestual, cinética, expositiva, até a interação verbal, onde a eficiência da mediação não dependerá só do conteúdo, mas das condições metodológicas que incentivam a participação do aluno na construção desse conhecimento. Concordamos neste sentido com Feuerstein (2000) quando afirma que:

O mediador ajuda a interpretar a vida criando no indivíduo disposições que influenciam no seu funcionamento de forma estrutural. O que influi é o modo como se ensina. Para saber como uma pessoa aprende, devemos saber como pensa o educador.

O planejamento de ensino que prioriza a mediação como condição *sine qua non*, para a construção do conhecimento, traz, em seu cerne, elementos necessários à revitalização do espaço da sala de aula. A exemplo disso, temos as aulas contextualizadas, onde o aluno é protagonista do conteúdo científico a ser trabalhado, através da representação da sua história de mundo. Afinal, ao planejar as atividades pedagógicas, o professor tem que considerar em primeira instância os níveis antropológico e filosófico da clientela, direcionando os objetivos a serem alcançados através de um caráter dialógico que se manifesta pela qualidade da mediação. Ao assumir o papel de mediador, que seleciona, filtra, organiza, nomeia e dá significado ao mundo, possibilita a transcendência das ações, superando assim os

mecanismos tradicionais do ensino. Essas intenções, ao serem selecionadas previamente no planejamento de ensino, garantirão a eficiência e a flexibilidade da aprendizagem. Ao prever critérios de mediação que viabilizem o processo pedagógico, o professor-mediador proporcionará à cada indivíduo a realização das metas socioculturais da educação, e uma dessas metas é a preparação do sujeito para ser um aprendiz independente. Sendo que esses benefícios têm que se diferenciar tanto no conteúdo quanto nas ferramentas simbólicas que oferece a uma determinada cultura.

Ressaltamos, porém, que os desafios aqui mencionados acerca do estigma do planejamento desvinculado da prática, ainda não foram superados. É comum, no dia-a-dia da coordenação pedagógica, nos diversos níveis de ensino, a resistência à sistematização do planejamento. Creemos que, em muitos casos, isso ocorre pelo desconhecimento das reais funções do planejamento para a prática pedagógica. Esse comportamento explica a cristalização da sala de aula que, por sua vez, reflete na evasão, repetência e ausência de um vínculo positivo entre os alunos e a escola.

Acreditamos que o ato de planejar não pode ser desvinculado da vontade do professor em promover a mudança, a partir da participação efetiva da comunidade escola, mais especificamente do aluno, na recriação do espaço educativo. De acordo com as suas crenças na possibilidade de um fazer pedagógico transformador, o professor pode vencer as barreiras impostas pelas condições que, muitas vezes, são delegadas pelas políticas educacionais, como, por exemplo, a falta de recursos pedagógicos na rede pública de ensino, a partir da intensidade da *mediação*. Segundo Feuerstein (1990. p. 3):

Somente se proporcionarmos uma experiência de aprendizagem mediada adequada, poderemos conseguir a realização das metas socioculturais da educação. E a preparação para que o sujeito se transforme num aprendiz independente.

Como sinaliza Feuerstein, as interações entre o professor e o aluno são fatores determinantes no desenvolvimento cognitivo do sujeito. De acordo com essa concepção, a relação professor-aluno assume um caráter dialógico, superando o mecanismo tradicional do ensino.

Considerar a mediação como característica fundamental a ser priorizada no planejamento de ensino, é considerar a própria natureza do desenvolvimento social, que só é possível pela interação humana. O professor, ao assumir o papel de mediador da aprendizagem, precisa agregar à sua prática elementos que o ajudem a compreender o ambiente dinâmico da sala de aula, o qual tem como dispositivo para a aprendizagem a curiosidade representada pelo nível de interesse que o educando manifesta face à mediação qualitativa adotado por cada mediador. Ao planejar critérios de mediação que viabilizem a relação interativa entre professor-aluno, o educador planeja a própria superação dos entraves comuns ao processo ensino-aprendizagem.

CRITÉRIOS UNIVERSAIS DE MEDIAÇÃO

Na perspectiva de um modelo de educação que considere a interação das relações discente-docente, como elemento necessário e que, conseqüentemente, deva ser considerado a partir dos procedimentos metodológicos previamente elaborados no planejamento de ensino, assegura ao mediador a condição de uma educação preventiva ao trabalhar com critérios de mediação que facilitem o desenvolvimento cognitivo dos alunos, utilizando-os como condição para qualidade da aprendizagem mediada uma série de dez parâmetros universalmente utilizados nas mais diversas situações de aprendizagem, sendo portanto indispensáveis na elaboração dos procedimentos metodológicos do ensino:

- Intencionalidade e reciprocidade;
- Transcendência;
- Mediação de significado;
- Mediação de sentimento de competência;
- Mediação da regulação e controle do comportamento;
- Mediação de comportamento/compartilhamento;
- Mediação da diferenciação individual e psicológica;
- Planejamento dos objetivos;
- Mediação do desafio;
- Automodificação

Segundo Feuerstein (1985), destes dez, os três primeiros, intencionalidade e reciprocidade e a mediação da transcendência e mediação de significado são condições necessárias para que se possa qualificar uma interação de mediação de aprendizagem. Estas três tidas como responsáveis pelo que todos os seres humanos têm em comum: a modificabilidade das estruturas cognitivas. Os outros parâmetros de mediação não são condições uniformemente necessárias, nem devem ser sempre presentes; porém ajudam na diversificação dos procedimentos metodológicos. Os primeiros três têm natureza universal e podem ser encontradas em todas as civilizações. Os outros refletem e são diretamente responsáveis pelo processo de diversificação da humanidade em termos de estilos cognitivos, sistemas de necessidades, motivação, tipos de habilidade dominadas e estrutura do conhecimento.

Para melhor compreensão de como estes parâmetros de mediação se inserem no planejamento de ensino, cabe definir a manifestação dos mesmos através da ação do professor-mediador:

Intencionalidade e reciprocidade

Ao mediar a aprendizagem, o professor-mediador utiliza-se da intencionalidade quando orienta, selecionando, interpretando e focando a atenção do educando nos estímulos. Para esse critério, Kozulin (apud ASSIS, 2002) nos chama a atenção:

Todo ato educativo deveria ser seguido por uma proposta intencional por parte do educador. O educador deve transmitir intencionalmente aos seus mediados algo que ultrapasse o objeto da tarefa, buscando demonstrar uma forma de fazer, interpretar e transcender a tarefa em si mesma.

Mediação de transcendência

A intenção do professor de fazer com que o aluno se sinta competente, transcende o objetivo imediato da aquisição da habilidade e da competência. Ao fazer uso da ação multidisciplinar, o mediador desperta no educando a reflexão e o estabelecimento de relações entre a diversidade de fatos. O ato de transcender o conhecimento trata-se de ultrapassar um ato concreto e dotá-lo de uma significação cognitiva e afetiva, buscando processos regulares que superem o próprio conteúdo vivido.

Mediação de significado

A mediação de significado conduz o educando a encontrar a razão de ser dos conteúdos estudados, na medida em que a mediação está pautada na explicação dos fatos estudados de forma mais compreensiva. Na mediação de significado, reside toda transmissão mediada de valores, atitudes culturais e pessoais do mediador para com o mediado. É o fator da interação que mais mobiliza o aspecto afetivo, envolvendo toda a crença de mundo do mediador e do mediado. Segundo Assis (2002):

A mediação de significado é a ponte entre o plano cognitivo e o plano afetivo-emocional. Quando o mediador transmite significados ao mediado, não só dá a sua visão de mundo, mas também prepara o outro para que ele igualmente possa ter a sua própria visão de mundo, a sua própria interpretação.

Assim, uma interação humana só é enriquecida quando é provida de significado.

Mediação de sentimento de competência

A necessidade de dotar o educando de competências adequadas a seu estágio de desenvolvimento, implica em torná-la capaz de aprender dados necessários para solucionar problemas. A mediação de competência oferece ao educando possibilidades de enfrentar certas situações, para isso é necessário que o mediador passe para o educando o sentimento de domínio, criando situações necessárias a partir do desenvolvimento da autoconfiança.

O mediador tem o papel de preparar o mediado, instrumentalizá-lo, para fazer emergir o sentimento internalizado de competência.

Mediação de auto-regulação e controle

A regulação mediada cria flexibilidade e plasticidade para modificar o indivíduo no tocante à inibição e à iniciação. Ela acelera o comportamento por meio da orientação do indivíduo para a auto-reflexão. A mediação de auto-regulação relaciona-se diretamente com

a metacognição, ou seja, a ação cognitiva do sujeito em pensar sobre a sua própria ação, implicando um controle de seus processos de funcionamento. A promoção desse controle é feita pelo mediador, que, em diversas instâncias, inibe fortemente a impulsividade e a resposta por ensaio e erro do mediado.

Mediação de compartilhamento

A mediação de comportamento compartilhado está relacionada com a interdependência mediador-mediado e com a de indivíduos em geral, o ato de compartilhar desenvolve a empatia por meio da interação social. Esse critério, de modo geral, desenvolve a capacidade do mediado de compartilhar, evocando o aspecto humanitário ao interagir suas experiências de vida.

Mediação individual e psicológica

A diferenciação individual e psicológica pode melhor ser desenvolvida por meio de processo de mediação, que é precedido e acompanhado por compartilhamento de comportamento, evitando assim os sentimentos de rejeição e abandono em relação ao espaço educativo. Aqui, o mediador deve enfatizar e questionar a posição do mediado frente ao meio em que vive, proporcionando reflexões que o remetem à própria singularidade.

Planejamento de objetivos

Mediar esse processo envolve encorajar e orientar o mediado para que defina o objetivo e estabeleça os meios, incluindo as metas necessárias, para alcançá-lo. Neste aspecto mediacional, o mediador induz sistematicamente a produção de representação antecipatória e a projeção das relações.

Desafio

A melhor maneira de se mediar o comportamento desafiador é permitir ao indivíduo que ele se depare com situações novas de uma forma gratificante. Para isso, cabe ao mediador encorajar o educando e evitar a superproteção do indivíduo frente a novas necessidades.

Automodificação

Otimizar a natureza da inteligência é o critério de mediação estabelecido para a automodificação. Acreditar na modificabilidade do ser humano é um fator indispensável ao processo ensino-aprendizagem, a conscientização do ser humano como modificável implica acreditar na imprevisibilidade e na superação das expectativas.

PROPOSTA DE ESTRUTURAÇÃO DO PLANO DE ENSINO DE AULA MEDIADA

ESCOLA:	
CARACTERÍSTICA DA CLIENTELA:	
OBSERVAÇÕES:	
OBJETIVOS	
CONTEÚDOS	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	
CRITÉRIO DE MEDIAÇÃO	
RECURSOS	
REFERÊNCIAS:	

No modelo de planejamento de ensino proposto, o professor-mediador estabelecerá, de acordo com o conteúdo trabalhado, critérios de mediação que tenham uma estreita relação com os procedimentos metodológicos; ou seja, os critérios de mediação a serem selecionados devem contextualizar os procedimentos. Assim, o professor-mediador cria novas possibilidades de operacionalizar os objetivos a serem alcançados. O professor-mediador não pode perder de vista que, em uma aula independente da intensidade do conteúdo, dos objetivos propostos ou do tempo estipulado, para que o trabalho pedagógico seja significativo, devem ser utilizados os dez critérios de mediação propostos.

A ressignificação da escola parte de um planejamento de ensino que contemple a mediação da aprendizagem como principal característica, não perdendo de vista o compromisso do professor. Como afirma Lucena (2002, p. 30) “o planejamento é uma parte do compromisso do professor com a ética, com a qualidade, não sendo uma atividade isolada”.

Na medida em que os educadores tomarem consciência de que mediar a aprendizagem não é tarefa exclusiva dele, mas resultado de uma ação participativa entre mediador e mediados, será mais fácil promover a mudança. Neste contexto, um planejamento de ensino que priorize a mediação apresenta-se como uma nova forma de viver o espaço educativo.

CONCLUSÃO

Pesquisas realizadas enfatizam a importância da aprendizagem mediada nos mais diversos contextos sociais, pela contribuição que os critérios de mediação podem favorecer à ação humana quando bem direcionados. No caso específico da formação de professores, vemos e vivenciamos em situações práticas ou mesmo pelo depoimento de

muitos acadêmicos, a relevância que o presente estudo tem acrescentado à prática pedagógica, pelo fato de agregar valores ao planejamento de ensino e redirecionar a ação docente. Para além do ato de ensinar, estes estudos proporcionam um olhar diferente para o processo de aquisição do conhecimento, na medida em que a ação docente não pode ser desvinculada da ação do educando. Eis o mistério da mediação!

De acordo com a experiência que vem sendo realizada com os alunos-estagiários das séries iniciais do Ensino Fundamental do Curso de Pedagogia da FASB-Faculdade do Sul da Bahia ISESB-Instituto Superior de Educação do Sul da Bahia, evidencia-se a importância da utilização da mediação como intervenção no processo ensino-aprendizagem. Apesar da mediação ser um processo antigo na história da humanidade, a proposta de um planejamento voltado para a superação dos desafios impostos ao espaço educativo, a partir dos critérios universais de mediação, é algo novo e que nos cabe enquanto educadores vivenciá-lo.

Os resultados dos estudos relacionados à experiência da aprendizagem mediada têm evidenciado a necessidade de inovar o espaço educativo, a partir da ressignificação do Planejamento de Ensino que contemple a mediação como requisito necessário à prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

FEUERSTEIN, Reuven. **Instrumental enrichment**. Baltimore: University Park Press, 1980.

FEUERSTEIN, Reuven. **Mediated learning experience** –An Outline of the proximal etiology for differential development of cognitive functions. Nova Iorque: ICP , 1975.

FONSECA, Vitor da. **Aprender a aprender** : a educabilidade cognitiva. Porto Alegre, RS : Artes Médicas, 1998.

LIMA, Maria Socorro Lucena .**Aprendiz da prática docente**: a didática no exercício do magistério. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha , 2002.

TÊBAR, Lorenzo Belmonte. O otimismo educativo de Reuven Feuerstein. **Revista Psicopedagógica**, p. 9-15, 1994.